

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Rafaela dos Santos Horst

**MOBILIZAÇÕES E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA: UMA  
ETNOGRAFIA ENTRE RECICLADORAS NA ASSOCIAÇÃO DE  
RECICLAGEM DE LIXO SELETIVO ESPERANÇA (ARSELE)**

Santa Maria, RS  
2019

**Rafaela dos Santos Horst**

**MOBILIZAÇÕES E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA: UMA ETNOGRAFIA ENTRE  
RECICLADORAS NA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM DE LIXO SELETIVO  
ESPERANÇA (ARSELE)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Ciências Sociais, da Universidade Federal  
de Santa Maria (UFSM, RS), como  
requisito parcial para a obtenção do título  
de **Licenciada em Ciências Sociais**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Monalisa Dias de Siqueira

Santa Maria, RS

2019

**Rafaela dos Santos Horst**

**MOBILIZAÇÕES E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA: UMA ETNOGRAFIA ENTRE  
REICLADORAS NA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM DE LIXO SELETIVO  
ESPERANÇA (ARSELE)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Licenciada em Ciências Sociais**.

**Aprovado em 18 de dezembro de 2019:**

---

**Monalisa Dias de Siqueira, Dr<sup>a</sup> (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Jurema Gorski Brites, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**

---

**Mateus Cordenonsi Bonez, Me. (UFSM)**

Santa Maria, RS

2019

**MOBILIZAÇÕES E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA: UMA ETNOGRAFIA ENTRE  
RECICLADORAS NA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM DE LIXO SELETIVO  
ESPERANÇA (ARSELE)**

MOBILIZATION AND RESISTANCE PRACTICES: AN ETHNOGRAPHIC  
BETWEEN RECYCLING WOMEN IN HOPE SELECTIVE WASTE RECYCLING  
ASSOCIATION (ARSELE)

Rafaela dos Santos Horst<sup>1</sup>, Monalisa Dias de Siqueira<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo compreender as práticas cotidianas de resistência e de mobilizações sociais que permeiam a rotina laboral de mulheres que trabalham com a coleta seletiva de lixo na cidade de Santa Maria/RS. Essa pesquisa, de caráter etnográfico, com observação participante junto ao grupo de trabalhadoras/es da Associação de Reciclagem Coletivo Esperança (ARSELE), teve início no ano de 2018 e foi realizada ao longo de 2019. A problemática norteadora deste estudo consiste em compreender o papel das mulheres recicladoras no contexto associativo e como agenciam práticas cotidianas de resistência e de mobilização. No decorrer da pesquisa, foi possível observar as questões relacionadas a reciclagem do lixo em Santa Maria e as instrumentalidades dessas práticas como resposta às adversidades enfrentadas diante de situações de crise. Sendo assim, torna-se relevante um estudo inserido nesse contexto de ocupação informal que possibilita refletir sobre noções de resistência, trabalho e agenciamento feminino, articuladas entre si.

**Palavras chaves:** Mulheres. Trabalho. Etnografia. Resistência. Reciclagem. Lixo. ARSELE.

**ABSTRACT**

This article aims to understand the daily practices of resistance and social mobilizations that permeate the work routine of women who work with selective garbage collection in the city of Santa Maria/RS. This ethnographic research, with participant observation with the group of workers of the Associação de Reciclagem Coletivo Esperança (ARSELE), began in 2018 and was conducted throughout 2019. The guiding problem of this study is to understand the role of women recyclers in the associative context and how they agency daily practices of resistance and mobilization. During the course of the research, it was possible to observe the issues related to garbage recycling in Santa Maria and the instrumentalities of these practices as a response to the adversities faced in the face of crisis situations. Thus, it becomes relevant a study inserted in this context of informal occupation that makes it possible to reflect on notions of resistance, work and female agency, articulated among themselves.

**Keywords:** Women. Work. Ethnography. Resistance. Recycling. Trash. ARSELE

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria, autora.

<sup>2</sup> Pós Doutoranda (PNPD/CAPES) pela Universidade Federal de Santa Maria, orientadora.

## INTRODUÇÃO

*“Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade”*

*(Carolina de Jesus, p.72, 1961).*

Em seu diário “O Quarto de Despejo”, Carolina de Jesus desvelou ao Brasil de 1960 uma realidade dura e ainda hoje atual. Ao tornar-se uma das maiores escritoras brasileiras, nos forneceu uma descrição minuciosa do seu cotidiano de catadora, mãe solo e favelada na periferia marginalizada de São Paulo. A resistência contínua narrada em sua luta diária, em texto literário e autobiográfico, assume a dimensão de um “realismo etnográfico” (GONÇALVES, 2014, p. 21) ao traduzir a sua realidade e de outras tantas mulheres recicladoras. Inspirada pela força e resistência de Carolina, interajo com Dona Terezinha, Lise, Magda, Mari e Marcela que se tornaram sujeitos constitutivos do presente texto e das reflexões resultantes nesta pesquisa, evidenciando a necessidade de analisar crítica e cientificamente as particularidades decorrentes dessa condição social.

Partindo deste quadro, apresento uma pesquisa teórico-etnográfica realizada junto as/aos trabalhadoras/es da Associação de Reciclagem de Lixo Seletivo Esperança (ARSELE), na cidade de Santa Maria - RS. A etnografia, aliada à técnica da observação participante, teve início no primeiro semestre de 2018 e foi realizada ao longo de 2019<sup>3</sup>. Tendo em vista as redes de sociabilidade e negociações estabelecidas em campo, aliada à literatura sobre o tema, visei acompanhar os fluxos de trabalho das mulheres e interpretar as principais formas de mobilização frente às condições de vulnerabilidade econômica e social enfrentadas pelas recicladoras no cotidiano observado. A temática desta investigação versa, portanto, sobre o trabalho desenvolvido por mulheres recicladoras neste contexto associativo. Delimitando-se às mobilizações e às práticas assumidas não apenas no desempenho da ocupação com a triagem e venda de resíduos recicláveis, como também nas articulações políticas e sociais que extrapolam essa função. A escolha metodológica de assumir a responsabilidade do envolvimento e pesquisar as mobilizações desenvolvidas por essas mulheres em tal contexto laboral, justifica-se pela predominância do gênero feminino nas associações de materiais recicláveis.

---

<sup>3</sup> Alguns resultados desta investigação que serão discutidos nesse texto, foram apresentados na XIII Reunião de Antropologia do Mercosul. Ver publicação de resumo no Grupo de Trabalho (GT) 78: Mulher, Política e Resistência, disponível no endereço: [https://www.ram2019.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=103](https://www.ram2019.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=103). Acesso em novembro de 2019.

De acordo com as estimativas do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR, 2014), cerca de 70% da mão de obra associativa é constituída por mulheres. Dessa forma, e em consonância ao contexto pesquisado, o recorte de gênero demonstrou-se fundamental para compreensão dos objetivos desta pesquisa.

Neste cenário, a base da cadeia de reciclagem brasileira reflete a desigualdade no mercado de trabalho, reservando às mulheres, principalmente mulheres negras e com baixa escolaridade, a informalidade e a precariedade laboral. Portanto, me ater ao mercado informal da reciclagem habitado por mulheres, partindo de uma perspectiva antropológica voltada à sociabilidade que configura esses espaços, é de extrema relevância para o âmbito das Ciências Sociais. No contexto do município de Santa Maria, essa pesquisa revela dados objetivos e subjetivos acerca de um coletivo de mulheres que trabalham diretamente com a separação e comercialização de resíduos em uma cidade universitária de médio porte<sup>4</sup>.

A predominância feminina é confirmada na Associação de Reciclagem de Lixo Seletivo Esperança. Nesse espaço, foi possível observar como o grupo de recicladoras articula suas mobilizações, ocupando cargos de liderança e se constituindo enquanto agentes sociais a partir das relações de trabalho.

Assim, a pesquisa tem como objetivos principais descrever o contexto encontrado no trabalho com resíduos recicláveis e reutilizáveis na cidade de Santa Maria e na Associação de Reciclagem de Lixo Seletivo Esperança. Intento, ainda, refletir sobre o papel das mulheres no contexto associativo e analisar as estratégias e práticas cotidianas de mobilização e resistência observadas no âmbito do trabalho e da sociabilidade vivenciado pelas recicladoras na Associação.

Costurando esse percurso, o artigo está organizado em três tópicos: Num primeiro momento trago uma discussão teórico-metodológica abordando alguns conceitos fundamentais, além de descrever de forma sucinta minha inserção no grupo pesquisado e aspectos decorrentes à condução da pesquisa. Em um segundo momento, me ateno a abordar uma discussão teórica acerca da cadeia de reciclagem do município de Santa Maria, tendo em vista o espaço destinado ao gênero feminino nesse mercado informal e o contexto vivenciado pelos agentes de reciclagem da ARSELE. Na terceira e última parte do artigo, apresento os resultados do trabalho de campo, pontuando como as mobilizações de resistência são agenciadas pelas recicladoras da ARSELE.

---

<sup>4</sup> Situado na região central do estado do Rio Grande do Sul, o município tem aproximadamente 243.611 habitantes, e conta com sete instituições de ensino superior públicas e privadas. Dados coletados no site: <http://santamariaemdados.com.br/sociedade/8-1-demografia/>. Acesso em dezembro de 2019.

## APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Como apresentado anteriormente, essa pesquisa de abordagem qualitativa tem como fio condutor a etnografia<sup>5</sup> em seu decurso metodológico. Dentre as particularidades da pesquisa qualitativa, busca-se dar conta de questões específicas, que compreendem os significados, percepções e sentimentos que compõem o universo da pesquisa. Para Uwe Flick (2009), a escolha do método deve estar indispensavelmente em concordância com o objeto investigado pelo pesquisador. Em suas palavras:

O objeto de pesquisa é o fator determinante para a escolha de um método, e não ao contrário. Os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos. Portanto os campos de estudos não são situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana (...). Para fazer justiça à diversidade da vida cotidiana, os métodos são caracterizados conforme a abertura para com seus objetos, sendo tal abertura garantida de diversas maneiras. (FLICK, 2009, p. 24).

Para pensar o método empregado nesta investigação é relevante, portanto, considerarmos que o universo delimitado parte do cotidiano de trabalho de mulheres recicladoras organizadas em associação, no que envolve suas articulações profissionais e sociais. Nesse quadro, torna-se necessário tomar como alerta as considerações de Mariza Peirano (2014) no tocante desses imponderáveis da vida real, ou seja, da pesquisa empírica própria à antropologia que foram tradicionalmente compreendidos em oposição à pesquisa teórica. De acordo com a autora, essa separação entre empiria e teoria, tão marcante na consolidação das ciências sociais, desviou da antropologia o status de cientificidade ocupado pela sociologia (Ibidem, 2014). Para superação dessa oposição a fim de uma etnografia ética e metodologicamente comprometida, que é o objetivo do presente estudo, é fundamental que a construção do objeto de pesquisa ultrapasse a realidade empírica, rompendo com o senso comum a partir de uma base teórica fundamentada (VICTORA et al. 2000, p. 47-48).

Assim sendo, o que segue é uma abordagem breve acerca do aporte teórico-metodológico que fundamenta o objeto dessa investigação, a saber, as práticas de resistência e mobilizações de recicladoras na ARSELE. Descrevo ainda como se deu minha inserção no grupo pesquisado, pensando o processo de condução da pesquisa etnográfica reconhecendo e refletindo sobre as posicionalidades que foram assumidas no campo de interações entre os

---

<sup>5</sup> A metodologia etnográfica nessa pesquisa foi combinada a técnicas necessárias no contexto da pesquisa, sendo elas: observação participante, diário de campo buscando a cronologia dos acontecimentos e aplicação de três entrevistas aprofundadas (BEAUD; WEBER, 2007) com roteiros semi-estruturados.

agentes dessa investigação, formado por mim e pelas mulheres que frequentam e trabalham na associação.

Nessa abordagem, as contribuições de Peirano (2014) em seu questionamento sobre as complexidades da etnografia enquanto método foram valiosas para a compreensão e o direcionamento do fazer etnográfico. A partir das leituras, pude perceber que a insegurança de estipular quando (e mesmo *se*) a pesquisa começou, ou mais adiante quando encerrar o trabalho de campo, não foram particularidades inéditas à essa investigação. Em concordância, a autora supracitada indica que “a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar” (PEIRANO, 2014, p.379), já que esses momentos dependem essencialmente da potencialidade do *estranhamento*. O exercício de estranhar a realidade habitual (já extensa e necessariamente debatido na teoria social) é essencial ao trabalho do etnógrafo, em especial à essa pesquisa, onde o cotidiano da vida ordinária toma foco de análise.

A reflexão sobre o envolvimento construído entre pesquisadora e interlocutoras, que é imprescindível à etnografia, foi colocada, interpretada e examinada de acordo com os debates teóricos. Gilberto Velho (1978), numa discussão importante sobre o fazer etnográfico, orienta sobre a necessidade do esforço do pesquisador em estranhar a realidade, principalmente a medida em que o “exótico” é considerado ou torna-se “familiar”. Certamente, mesmo que o distanciamento de classe social tenha sido um marcador durante todo o trabalho de campo realizado na ARSELE, ao decorrer dos meses de pesquisa e da convivência, certas rotinas da associação foram se tornando familiares a mim. Nesse sentido, entretanto, o autor alerta que o grau de familiaridade do pesquisador sobre a realidade não pode ser compreendido como fonte de conhecimento científico. Em outras palavras, “possuir o mapa”, não equivale necessariamente a “compreender os princípios e mecanismos que o organizam” (VELHO, 1978, p. 128).

Noutra literatura importante à essa pesquisa, Claudia Fonseca (1999, p.61) faz uma reflexão sobre o emprego da abordagem etnográfica, atentando que o etnógrafo deve “situar seus sujeitos em um contexto histórico e social”, completando o que ela chama de movimento interpretativo. Esse movimento caminha ao exato oposto ao que a autora considera um afastamento do pesquisador “atrás do avental branco do cientificismo” (FONSECA, 1999, p.62). Conduz, ao contrário, à uma aproximação que busca o alcance simultâneo da intersubjetividade dos sujeitos, pesquisador e pesquisado. Assim sendo, é importante à essa pesquisa uma contextualização dos agentes pesquisados - recicladoras ligadas a ARSELE -

no tocante as especificidades marcantes à essa categoria de trabalho, abrangendo questões como idade, escolaridade e outros condicionantes da posição social ocupada por estas mulheres.

Nesse sentido, saliento que a escolha metodológica de manter os nomes verdadeiros das interlocutoras e da associação com autorização para tanto, vai ao encontro a esse movimento interpretativo feito por Fonseca sobre os dilemas éticos e políticos envolvidos nessa ação. Em outra obra, a autora assinala: “Nossa maneira de nomear os ‘nativos’ define, entre suas múltiplas variantes, qual etnografia estamos propondo” (FONSECA, 2008, p. 40). Entendo que mantendo o nome das interlocutoras que contribuíram na construção desse diálogo, traço um caminho para uma etnografia engajada em “provocar uma reconfiguração das narrativas hegemônicas” (FONSECA, 2008, p. 40). Não usar nomes fictícios na descrição etnográfica presente nesse texto é, portanto, uma das formas de retorno que essa pesquisa pode dar as trabalhadoras da ARSELE. Nesse sentido, agradeço a confiança concedida pelas interlocutoras desse estudo, Dona Terezinha, Magda, Marcela, Lise, Mari e Paola.

Com isso, infiro que a abordagem etnográfica foi aqui assumida com a disposição de buscar continuamente estabelecer um envolvimento social e teoricamente engajado com os sujeitos e com os objetivos desta pesquisa. Entendo como necessário para tanto, situar-me no espaço da pesquisa, percebendo que minha relação com as interlocutoras e em correlação com os próprios percursos da pesquisa, foram conduzidos também pela condição que exerço enquanto mulher, branca e primeira a ingressar em curso superior na minha família. Compreendendo que em etnografia deve-se considerar a impressão exercida pelo pesquisador e sua condição de agente ativo nesse campo de interações. O desafio do método etnográfico desde os primeiros passos desse estudo é compreendido no processo de reconhecer e assumir a posicionalidade ocupada pelo pesquisador, respeitando as bases éticas e metodológicas que configuram essa produção.

Nesse prisma, a pesquisa etnográfica junto às trabalhadoras da ARSELE ocorreu de maio de 2018 a setembro de 2019. A periodicidade de pelo menos um encontro por semana em dias alternados, tornou-se mais assídua em períodos de maior atividade na associação.

A inserção em campo foi facilitada por projetos de extensão que desenvolvi na associação em outros momentos da graduação, quando ministrei durante um semestre oficinas para as crianças que frequentavam a ARSELE. Nesse primeiro contato, não sabia exatamente do que se tratava a associação, contava apenas com o relato de que alguns “trabalhos sociais” eram prestados à comunidade naquele espaço.

Com isso, eu e outras duas colegas de graduação procuramos a associação interessadas em desenvolver atividades com temáticas relacionadas ao ensino de ciências sociais em um ambiente de educação não formal<sup>6</sup>. Ao procurarmos a ARSELE, fomos recebidas pela idealizadora e responsável pelo local, uma senhora simpática conhecida por todos na comunidade como Dona Terezinha. Ela ficou contente com nossa proposta e nos contou que aquela era a segunda geração que frequentava a ARSELE, sendo que algumas mães e pais dos/as jovens com quem tivemos contato também frequentaram o local quando crianças.

Dessa forma, passamos a frequentar a associação semanalmente, trabalhando com cerca de 20 crianças (Figura 1). As oficinas eram oferecidas aos sábados, dias comumente não letivos nas escolas de ensino público, mas de trabalho para a maioria das/os recicladoras/es. A presença desses projetos faz da ARSELE um espaço alternativo onde as/os associadas/os podem deixar seus filhos, sob o cuidado de Dona Terezinha e de outras mulheres que frequentam a associação.

Figura 1 - Faixada da Associação de Reciclagem de Lixo Seletivo Esperança fotografada no momento da oficina com as crianças.



Fonte: Acervo pessoal.

Nessa época, tanto eu quanto minhas colegas de estágio cursávamos a disciplina de Métodos e Investigações Antropológicas, ministrada pela professora Monalisa Siqueira. Ambas estávamos inspiradas pelas discussões metodológicas da etnografia e pelo olhar antropológico. Fazíamos o trajeto até a ARSELE observando e discutindo os detalhes da região, da associação e, principalmente, das narrativas sobre as histórias da associação

<sup>6</sup> Requisito exigido na disciplina “Estágio Curricular B” do currículo de Licenciatura em Ciências Sociais.

trazidas por Dona Terezinha. Afetada e envolvida pelas histórias que havia conhecido na ARSELE, neste mesmo período dei os primeiros passos para a realização do presente estudo<sup>7</sup>.

Inserida nesse cenário, meu interesse de pesquisa estava voltado num primeiro momento em investigar as narrativas trazidas pela fundadora e responsável pela associação, buscando compreender significado do trabalho de reciclagem em sua trajetória. Iniciei um projeto de pesquisa objetivando, portanto, conhecer e interpretar a trajetória de vida da Dona Terezinha, bem como a narrativa trazida por algumas mulheres de sua família que também se dedicam as atividades de coleta e triagem seletiva desde a origem da instituição no ano 2000. Para apresentar as demais interlocutoras dessa pesquisa, torna-se importante, portanto, ressaltar o papel da família no trabalho da ARSELE. Desde a criação da associação os seis filhos da Dona Terezinha ajudaram a mãe com o trabalho, mesmo quando eram adolescentes. Hoje, três de seus filhos tem emprego fixo fora da associação e os outros três (Magda, Mari e Márcio) permanecem trabalhando na ARSELE.

O levantamento bibliográfico de outras pesquisas versando essa temática, bem como o a observação participante na ARSELE e o contato com outras associações de Santa Maria, me direcionaram a buscar primeiramente refletir sobre a predominância da mulheres nas associações de reciclagem. Somado a isso, a dificuldade financeira e a falta de incentivo público para a manutenção da associação e a sobrevivência das/os trabalhadoras/es trouxe à tona uma configuração marcada pela presença de estratégias de mobilizações que transpassam o trabalho com a reciclagem.

Compreendo, portanto, que os caminhos trilhados pela pesquisa aqui apresentada foram construídos e transformados a partir desse percurso vivenciado em campo, na medida em que a predominância de mulheres na reciclagem e a responsabilidade das articulações sociais agenciadas por elas pôde ser constatado. Dessa maneira, me direciono novamente ao encontro de Velho (1978, p.129) ao nos mostrar que na antropologia a realidade filtrada pelo observador não revela uma mera coincidência feliz, mas indica o aspecto subjetivo e interpretativo da disciplina.

Durante o processo de pesquisa observei que eram estabelecidas pelas mulheres que trabalham na associação diversas negociações e trocas com colaboradores, com o poder público, com entidades voluntárias e também comigo, naquilo que eu pudesse contribuir<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Desde a formulação do projeto de pesquisa até a construção deste texto, pude contar com a orientação e o amparo da professora Monalisa Dias de Siqueira, a quem agradeço profundamente.

<sup>8</sup> As trocas não serão discutidas neste texto, mas gostaria de referir que elas são objeto clássico da antropologia e foram fundamentais para pensar questões ao longo do trabalho de campo (MAUSS, 2003).

Caracterizo essas negociações constantes como práticas de (re)existência mobilizadas pelas mulheres da associação. Considero que esse caráter de negociação foi estabelecido durante todo trabalho de pesquisa. Com isso entendo que, em algum grau, estive em constante processo de aceitação no espaço da associação. Dona Terezinha e suas filhas contribuíram sempre com minhas indagações de pesquisa, em contrapartida esperavam que o resultado do meu trabalho fosse correspondido em fatores que trouxessem efeito prático para a manutenção da associação. Por vezes desenvolver alguma atividade ou confraternização com as crianças, fazer ofícios solicitando material à prefeitura ou aos colaboradores eram solicitados implicitamente enquanto troca.

### **A CADEIA DE RECICLAGEM E O DESCARTE DE LIXO EM SANTA MARIA**

Para entendermos o contexto dos desafios enfrentados pelos agentes da cadeia de reciclagem em Santa Maria, torna-se necessário contextualizarmos o que vem sendo cientificamente produzido sobre a temática na área das ciências humanas e da antropologia. O crescimento acelerado do consumo nas sociedades modernas trouxe como consequência a problemática da produção desenfreada de lixo. De mãos dadas com a cultura do consumo, os discursos a respeito da reciclagem vêm sendo incorporados pela indústria capitalista, onde se percebeu no lixo reciclável uma alternativa lucrativa para grandes investidores.

A partir dessa perspectiva de consumo, Ruben Oliven (2006) considera que “Consumir significa não somente adquirir. Implica também jogar fora e reciclar. Os objetos são produzidos para um fim, mas acabam tendo vida própria, sendo transformados em outros objetos. O que um grupo joga fora o outro consome” (2006, prefácio n.p).

Antônio Bossi (2008) em seu trabalho sobre a organização capitalista do trabalho informal, considera o lixo como um material gerador de lucro e incorporado pelo sistema capitalista. Na outra ponta desse mercado de lucro, a existência de pessoas que sobrevivem daquilo que é descartado pela sociedade não é uma circunstância atual (BOSSI, 2008). O trabalho de carrinheiras/os e catadoras/es já se configurava como uma forma de subsistência econômica antiga à uma considerável parcela da população marcada historicamente pelo processo de exclusão social. Realidade essa que ainda pode ser constatada segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, demonstrando que 38,8 milhões de trabalhadores brasileiros exercem ocupações informais no terceiro trimestre de 2019 (IBGE, 2019).

Com isso, podemos assumir que os destinos dados ao lixo, tanto por autoridades políticas pensando a vida pública, quanto individualmente pelos cidadãos comuns, implicam nas mais diversas negociações que refletem diretamente, em graus distintos, no cotidiano de todas as pessoas. Aqueles que buscam alternativas de sobrevivência à margem do mercado de trabalho formal, como é o caso das catadoras/es que se organizam individual ou coletivamente (ligados a associações, cooperativas ou ainda empregadas/os em empresas de saneamento licenciadas pelas prefeituras municipais), são especialmente afetados por tais decisões políticas. Com isso, é possível constatar que o lixo tem sua manifestação explícita a nível local, mas emprega uma pauta recorrente - e urgente - da política mundial.

Ainda segundo Bossi (2008), a temática geral da catação tem sido considerada na produção acadêmica como parte de três temas amplos: “(a) formas alternativas de geração de renda (b) construção de ‘novos sujeitos’ e (c) saúde pública” (BOSSI, 2008, p. 101). Nesse cenário, entendo como necessário a expansão de pesquisas que direcionem o olhar ao cotidiano de trabalho com reciclagem, em especial no contexto municipal de Santa Maria, onde a coleta seletiva de lixo não é implementada.

No presente artigo utilizo o termo catadoras/es e recicladoras/es por serem os mais observados em campo, de acordo com a instrumentalidade do seu uso. Como argumenta Simone Silva (2008) em sua pesquisa etnográfica realizada em Santa Maria, na Associação de Seleccionadores de Material Reciclável (ASMAR), esses termos classificatórios são negociados pelas/os trabalhadoras/es. Por vezes o discurso de proteção ambiental é incorporado, embora não seja a prioridade desses agentes, é recorrido em contextos de negociação de suas identidades frente a sociedade o poder público (SILVA, 2008, p. 34-35). As diferentes etapas de trabalho com reciclagem atualmente são reconhecidas pelo Código Brasileiro de Ocupações (CBO) (BRASIL, 2019), entretanto esse reconhecimento não implica em nenhuma forma de direito trabalhista como carteira assinada ou previdência social.

A cadeia de reciclagem é composta por diferentes etapas de produção com remunerações igualmente desiguais. O termo cadeia de reciclagem constitui uma categoria êmica que se apresentou durante a observação participante desenvolvida na associação. Essa cadeia, identificada pelas/os trabalhadoras/es, refere-se ao circuito percorrido pelo “lixo” até a transformação do seu valor de troca. Na base dessa pirâmide encontram-se as/os catadoras/es e carrinheiras/es (responsáveis pela coleta). A segunda etapa é chamada de triagem, onde o material é separado de acordo com o seu valor no mercado para,

posteriormente, ser revendido por um terceiro agente nesse circuito: os chamados atravessadores. Isso é, indivíduos ou empresas responsáveis por revender o material em grandes quantidades e já separados em fardos, para as indústrias recicladoras que irão transformar essa matéria em novos produtos de consumo.

Embora a atividade de coleta e reciclagem de resíduos sólidos perpassa pelas classificações de limpo e de sujo (DOUGLAS, 1976) e seja habitualmente caracterizada como um trabalho pesado, são as mulheres a maioria entre a categoria de trabalhadoras/es com reciclagem. A liderança política e comunitária no interior das associações também é assumida por figuras femininas, como revelam as pesquisas sobre o tema (ASSUNÇÃO, 2017; SILVA, 2007; PAIVA, 2016). Somado a esse recorte de gênero, questões de raça e classe são percebidas pelas autoras nesse debate sobre a precarização da mão de obra no mercado de trabalho. Assunção indica que:

(...) ainda que a globalização tenha ampliado as oportunidades de emprego para as mulheres, nos países em desenvolvimento, a divisão sexual do trabalho e as desigualdades sociais – que incluem, além das de gênero, as de classe e raça – foram acentuadas pela precariedade e vulnerabilidade dos empregos (HIRATA, 2010 apud ASSUNÇÃO, 2017, p. 45)

Em encontro a tais análises a ideia de ampliar os olhares sobre as práticas diárias assumidas por mulheres catadoras, se deu mediante a problematização do número massivo e sintomático de mulheres ocupando a porcentagem de 70% dos cargos de trabalho no mercado informal de reciclagem. Essa estimativa, que calcula um total de 800 mil recicladoras/es, foi divulgada pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR, 2014), organização que trava sua luta em busca da articulação nacional e regional das/os trabalhadoras/es em busca de reconhecimento social e político.

Entretanto, essa proeminência acaba não ganhando destaque dentre as pesquisas e abordagens já mencionadas sobre a cadeia de reciclagem. Nesse sentido, identificar as articulações e as agências nos papéis desenvolvidos por um grupo de mulheres no contexto associativo, se torna fundamental para análise aqui proposta.

Tomemos como exemplo a investigação de Camila Paiva (2016) acerca da situação de trabalho e de vida das mulheres catadoras associadas a Cooperativa Acácia, que conta com 182 cooperados, no município de Araraquara, interior de São Paulo. As considerações da pesquisa de Paiva, apontam a flexibilização da jornada de trabalho presente no cotidiano das trabalhadoras pesquisadas:

Podemos afirmar que existe uma relação direta entre a precarização do trabalho e o crescimento do número de mulheres nas cooperativas e associações de catadores. Tal relação pode ser explicada pelo baixo grau de escolaridade dessas mulheres, pela falta de oportunidades de emprego formal, assim como pela flexibilidade das regras de trabalho existente nas cooperativas, que tende a se adequar ao peso que as atividades reprodutivas têm em suas vidas. (PAIVA, 2016, p. 158).

Nesse aspecto, para adentrarmos a compreensão sobre as condições do trabalho e de resistência no cotidiano de mulheres na Associação de Reciclagem de Lixo Seletivo Esperança, se faz necessário uma breve discussão referente a produção e o destino dado ao lixo em seu contexto municipal. Em Santa Maria, município de porte médio e regionalmente conhecido como “cidade universitária”, a política de incentivo a prática da separação de lixo é inexistente. Embora exista alguns pontos de descarte de materiais recicláveis, fruto de projetos externos ao poder público, como o exemplo da Coleta Seletiva Solidária da Universidade Federal de Maria<sup>9</sup>, a cultura da separação de resíduos não é uma prática regular.

Até o ano de 2008, todo resíduo urbano coletado sem a devida separação era descartado pelo município no popularmente conhecido como “lixão da Caturrita”. De acordo com a pesquisa de Silva (2010), no ano em que foi desativado, o antigo depósito de lixo comportava um número entre 160 e 180 famílias que sobreviviam da cata de materiais depositados no local. Com o fechamento do lixão e busca por redução de danos do espaço através da implementação de uma Central de Tratamento, a coleta e o destino dado ao lixo domiciliar tornaram-se um mercado disputado por grandes empresas de prestação de serviços (SILVA, 2010, p. 23).

Atualmente, o sistema de coleta e transporte de resíduos domiciliares é de responsabilidade da empresa terceirizada Sustentare Saneamento, que venceu a última licitação do poder público municipal, estabelecendo um contrato no valor de 14,3 milhões<sup>10</sup> no ano de 2016. O destino desse resíduo permanece sendo a Central de Tratamento de Resíduos de Santa Maria, o antigo lixão da Caturrita, hoje administrado pela Companhia Riograndense de valorização de Resíduos (CRVR)<sup>11</sup> tem vida útil estimada em 30 anos segundo a própria empresa.

---

<sup>9</sup> Projeto de iniciativa da Comissão de Planejamento Ambiental da UFSM Fonte: <https://www.ufsm.br/2017/07/14/iniciativa-da-complana-estimula-separacao-de-residuos-nos-setores-da-ufsm/>. Acessado em outubro de 2019.

<sup>10</sup> Dados coletados no site da empresa: <https://www.sustentaresaneamento.com.br/sustentare-assume-coleta-convencional-de-santa-maria/>. Acesso em outubro de 2019.

<sup>11</sup> Dados coletados no site da empresa CRVR: <http://crvr.com.br/area-de-atuacao/central-de-tratamento-de-residuos-de-santa-maria/>. Acessado em outubro de 2019.

Nesse cenário de disputa comercial entre grandes instituições, as associações de recicladores vêm sofrendo uma exclusão sistemática no mercado da reciclagem. A Associação de Seleccionadores de Materiais Recicláveis (ASMAR) é a única das cinco associações de Santa Maria que, correspondendo a burocracia exigida, recebe parte do material coletado pela empresa contratada pelo município.<sup>12</sup>

A coordenadora da ARSELE, Dona Terezinha, relata que o maior desafio de se manter no trabalho com reciclagem é justamente a burocracia exigida pelo Poder Público. Embora tenha conquistado o CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), a associação perdeu a parceria com a coleta municipal por não conseguir a Licença Ambiental que passou a ser exigida no último ano. Em muitos momentos da pesquisa, Dona Terezinha comentava sobre seus esforços em conseguir esse documento. Manter a associação funcionando sem a posse da Licença Ambiental acarretou muitas que dificultaram ainda mais a regulamentação do espaço.

De acordo com as trabalhadoras da Associação de Reciclagem de Lixo Seletivo Esperança, durante o período em que a coleta de lixo em Santa Maria era feita com a parceria entre o poder público municipal e as associações cadastradas na prefeitura, a associação chegou a manter 23 associadas/os vivendo da reciclagem. Entretanto, atualmente, a ARSELE não consegue manter mais que cinco pessoas trabalhando, isso porque não possui caminhão para coletar material por conta própria e os carrinhos de coleta foram proibidos em lugares centrais fazendo com que todo o material que a associação pode contar chegue através de doações e parcerias voluntárias que consegue estabelecer. Além disso, segundo a coordenadora do local, muitas lojas do comércio passaram a vender materiais de maior valor (como o papelão e o alumínio) diretamente aos atravessadores. Segundo Dona Teresinha, na prática “só sobra o farelo pro catador”. Isso porque os materiais são separados de acordo com seus valores no mercado, nesse sentido, “farelo” seriam garrafas PET, isopor, vidros e outros materiais que têm pouco ou nenhum valor de troca.

Com o passar do tempo, essa situação fez com que o número de associadas/os reduzisse, tornando a associação um trabalho temporário em períodos de desemprego. Desde o início da observação participante pude perceber o papel central da coordenadora da associação, Dona Terezinha, para persistência e conservação da ARSELE. No decorrer da pesquisa, fui compreendendo que o trabalho na associação era desenvolvido em grande parte

---

<sup>12</sup> Dado coletado no site da Secretaria do Meio Ambiente: <http://www.santamaria.rs.gov.br/ambiental/570-associacao-de-recicladores>. Acessado em novembro de 2019.

também por seus familiares (especialmente as mulheres). As filhas da fundadora da associação, que também lutam pela manutenção do espaço, alegam que esse sempre foi “o sonho da mãe” e que não querem “deixar a ARSELE morrer”. Em entrevista, Dona Terezinha comenta sobre a situação atual da associação:

Pra mim alcançar as meta que eu quero aqui tá longe. Aí eu vou ter que esperar a coleta pra pegar mais pessoas, pra agregar mais pessoas pra trabalhar, pra poder estabiliza né? Aí vai. Se tivesse a coleta tinha bastante gente aqui. Assim mesma, caída, quebrada, ela da pra ir... né? Porque quando alguém precisa trabalhar, vem, tira aquele período né, arruma emprego daí... vem outro e assim fica. Porque não é uma associação que pode manter, mais de cinco pessoas não tem como. Então aí, fica agregando assim como pode. Então aí tem mais as coisa que a gente recebe né? Que tem que agradecer, queira ou não, tem que agradecer (Dona Terezinha, 06/09/2019)

Durante a pesquisa pude constatar essa periodicidade em situações de desemprego ou maior necessidade financeira, isso aconteceu com uma de suas noras, sua irmã e uma amiga de longa data, considerada como filha. Arranjar sustento para si e para a família é um movimento fundamental na trajetória de vida da Dona Terezinha. De origem rural e com educação formal até a segunda série do ensino fundamental, ela afirma já ter “trabalhado com tudo nessa vida” para sustentar sozinha seus seis filhos. Seu empenho na fundação da ARSELE em 2000 gerou empregos e trouxe certa estabilidade como alternativa de renda para Dona Terezinha e também para seus familiares.

Dessa forma, certifica-se que a família desempenha um papel essencial para as atividades da associação, especialmente em períodos em que a remuneração é instável e a própria manutenção da associação enfrenta dificuldades. Assim como observado por Mateus Bonez (2018) em sua pesquisa etnográfica entre trabalhadoras domésticas no sindicato de Pelotas-RS, a articulação entre família e a dinâmica de trabalho em sindicatos ou associações, em especial aqueles ligados às classes populares e aos trabalhos em condições de precariedade, manifesta-se como substancial para o funcionamento do coletivo (BONEZ, 2018, p.137).

Nesse cenário, evidencia-se uma profissionalização acerca do cuidado com o lixo que cria uma série de restrições e exclusão de uma mão de obra marginalizada, que historicamente fez da coleta de resíduos descartados uma alternativa de subsistência no sistema capitalista. No próximo tópico, abordarei mais detalhadamente sobre os obstáculos cotidianos observados na associação, partindo das mobilizações e formas de resistências assumidas por essas agentes no contexto inserido.

## MOBILIZAÇÕES E PRÁTICAS COTIDIANAS DE RESISTÊNCIA

Como vimos até então, as condições desfavoráveis pelas quais as/os “trabalhadoras/es com o lixo” (SILVA, 2007) historicamente foram submetidas/os tem se agravado com a falta de incentivo do poder político aliado ao crescente interesse industrial no mercado da reciclagem. Esse, por sua vez, ao invés de incluir a mão de obra já inserida nesse contexto laboral, tem dificultado as condições de trabalho de recicladoras/es autônomas/os ou vinculadas/os a associações. Tendo em vista esse cenário, que não é alheio à realidade da associação estudada, nesse tópico buscarei discutir e compreender as práticas de resistência desenvolvidas no cotidiano de trabalho observado na ARSELE.

Portanto, como práticas de resistência entendo as mobilizações diárias agenciadas pelas recicladoras da associação frente ao desamparo econômico, o risco eminente de que o poder público possa ordenar pelo fechamento do espaço e outras situações de vulnerabilidade que as atingem. Nesse sentido, tomo por base teórica as reflexões de Sherry Ortner (2011) na abordagem referente à Teoria da Prática, traçando uma perspectiva que não desconsidere o papel desempenhado pela estrutura ao despender análise acerca do desenvolvimento da agência dos indivíduos.

A resistência assumida pelos membros da associação frente ao desamparo das autoridades, assim como a luta por espaço e pelo direito ao trabalho, já soma duas décadas. O princípio da associação, nos anos 2000, está estreitamente relacionado a história do movimento de ocupação da região onde de estabeleceu, o lote Km2, localizado no bairro Divina Providência. A chamada “Vila Km2”<sup>13</sup> não tem suas fronteiras delimitadas no mapa da cidade de Santa Maria, muito embora os moradores da região saibam distinguir precisamente os limites da comunidade.

Nesse sentido, a pesquisa de Karen Kärcher (2018) trouxe grande contribuição ao fazer uso metodológico da Antropologia de Rua para investigar a duração dos fazeres de costureiras em Santa Maria. A pesquisadora estabeleceu um roteiro de caminhada etnográfica nas regiões onde residiam suas interlocutoras. Nesse percurso, observou uma distinção aparente entre três vilas que compõem o bairro Divina Providência, local onde a ARSELE está situada. Salienta que, embora as fronteiras entre os lotes residenciais não sejam

---

<sup>13</sup> A unidade de medida quilômetro (km), que dá nome a referida Vila, faz referência a antiga estação férrea da região. A ferrovia santamariense, inaugurada em 1895, possui importância substancial na história e desenvolvimento do município. De acordo com Catarina Zanini (2013, p.307) a cidade de localização central no estado, chegou a ser considerada enquanto o mais importante centro ferroviário do Sul do Brasil na primeira metade do século XX.

demarcadas, ocorre uma forte distinção entre os moradores mais antigos da região e aqueles que formaram a Vila Km2 a partir de ocupação no ano 2000:

Ao caminhar pelo bairro Divina Providência, as moradoras e moradores não sabem ao certo informar se uma determinada rua de divisa faz parte da Vila Brenner ou da Vila São João Batista, mas com toda certeza identificam qualquer rua do Km2. Isso porque não é somente a pavimentação das ruas (de uma pavimentação asfáltica, o lugar passa a ser de chão batido) que se difere das demais vilas. É visível a diferença estrutural das casas (as casas de alvenaria são substituídas em maior número pelas casas de madeira) e a quantidade de resíduos presentes em frente a elas, devido ao fato de uma grande quantidade de moradoras e moradores do local serem recicladoras(es) de materiais reutilizáveis. (KÄERCHER, 2018, p.119).

Torna-se relevante destacar que, nessa análise, a autora constatou que a comunidade mais antiga da região construiu um forte estigma em relação às famílias que ocuparam a Vila Km2, evidenciando discursos de que a criminalidade teria aumentado após a “invasão” do loteamento (KÄERCHER, 2018, p.118).

Uma das articuladoras do movimento de ocupação foi a fundadora da ARSELE. Dona Terezinha conta que cerca de 70 famílias (aproximadamente 300 pessoas incluindo crianças) montaram acampamento no chamado lote Km2. Ela recorda que essa teria sido a terceira tentativa de ocupação da região, retirada a força pela polícia militar nas outras duas situações. Os moradores vinham, na maioria, do Morro do Cadena, em Itaara, cidade vizinha emancipada de Santa Maria em 1997. A região onde residiam sofria com constantes enchentes deixando dezenas de famílias desabrigadas, a situação era de conhecimento do poder público e a mobilização por moradia da população chegou a contar com apoio de um vereador.

Dona Terezinha lembra que assim como nas duas ocupações anteriores, a terceira negociação com o poder público foi igualmente conflituosa. A presença permanente da policial militar causava insegurança, e uma das estratégias aderidas contra a possibilidade de dispersão foi que se mantivessem todos no acampamento. Dando risada de suas lembranças, ela narra que para que não saíssem do local, um parto foi realizado com a sua ajuda dentro de uma barraca. A ocupação teve sucesso, embora a negociação burocrática tenha se estendido por anos. No período, muitas condições foram colocadas pela prefeitura, como a exigência de que os moradores realizassem algum tipo de atividade remunerada naquele espaço.

A fundadora da associação e sua filha Magda já tinham experiência de trabalho com a triagem de resíduos recicláveis, passaram então a lutar por espaço para montar uma associação. Dessa forma nasce a ARSELE, com a ocupação de um antigo patrimônio da

estação da Viação Férrea de Santa Maria que, mesmo estando em situação de abandono há quase uma década, só foi cedido pela prefeitura municipal perante muitas exigências e “invasão” como garantia. Trazendo essa narrativa, a idealizadora da associação identifica “a gente é tudo posseiro”, referindo-se ao coletivo de associadas/os. Apesar do orgulho eminente pelas conquistas da comunidade, ela demonstra que ainda hoje a situação é de insegurança, já que a qualquer momento a prefeitura pode pedir reintegração de posse, o que traria uma situação de desalojamento e falta de renda as/aos associadas/os.

A ARSELE está localizada na zona norte de Santa Maria, próximo à escola Pão dos Pobres, na região Vila Km2 do bairro Divina Providência, como já mencionado. Partindo da área central da cidade em direção a associação, é perceptível a brusca diminuição dos estabelecimentos comerciais mais conhecidos do município, que dão lugar a pequenos comércios como armazéns, bares, sapatarias e pontos de “moto-táxi”. Destaca-se também a presença eminente de catadores transportando carrinhos de coleta, assim como a circulação de muitos cachorros nas ruas, que são mais estreitas à medida que adentramos o bairro, essas são características similares a regiões afastadas, típicas de cidades interioranas.

A associação tem um grande espaço físico que é comumente chamado de “galpão” por pessoas de fora da comunidade, isso porque sua estrutura compreende um extenso bloco térreo de formato retangular (estrutura da antiga estação ferroviária), que ocupa a distância de todo um quarteirão da Rua Aristides Lobo. Com apoio financeiro de projetos em parceria com a Universidade Franciscana (UFN), o espaço ocupado pela associação foi reformado em 2005. Atualmente, a infraestrutura é destinada em parte para o armazenamento e separação de materiais recicláveis, parte para a socialização das famílias de recicladoras/es e da comunidade em geral. As atividades coletivas como reuniões, confraternizações e confecção de artesanato acontecem no *hall* de entrada da associação, que é bastante amplo e contém sofás, duas mesas grandes, televisão, e um banheiro. O trabalho de triagem é feito no saguão ao lado, onde todo resíduo reciclado ou reutilizado é armazenado, uma pequena porta sempre aberta une os dois espaços. A ARSELE conta ainda com uma cozinha de porte médio, contendo fogão e forno industriais, financiados pelo Programa Federal Fome Zero<sup>14</sup>.

Para além do trabalho desempenhado com a reciclagem, a ARSELE é reconhecida

---

<sup>14</sup> Fome Zero foi um programa de iniciativa da Política Nacional de Segurança Alimentar que visou combater a fome e a miséria no país. O programa foi implementado em 2003, durante o governo Lula e atuou através de diversas iniciativas como auxílio financeiro (Bolsa Família), construção de Restaurantes Populares e distribuição de suplementos alimentares. Dados coletados no site oficial do programa. <https://web.archive.org/web/20111007054730/http://www.fomezero.gov.br/>. Acessado em 10 de Junho de 2019.

por mobilizar diversas outras articulações políticas e sociais para o coletivo, assumindo com isso caráter de resistência social. Como já salientado, a luta da associação por espaço e pelo direito ao trabalho soma duas décadas. Nesse período, além de reivindicar pela causa das associações de reciclagem na busca pela coleta seletiva, a associação sempre promoveu e participou de diversas ações de cunho profissional, recreativo e social destinadas às famílias da comunidade pertencente ao Km2. Para tanto, a instituição estabelece parcerias com variadas organizações da cidade, assim como já se desvinculou de outras tantas neste percurso. São coletivos religiosos, universitários, partidários, escoteiros ou mesmo pessoas físicas que se aproximam da associação por diferentes caminhos e estabelecem relações de colaboração e negociações contínuas nesse universo.

Periodicamente a instituição referida é procurada por alunos de graduação de diferentes áreas de conhecimento, que desenvolvem na instituição trabalhos variados como estágios, projetos de extensão ou de pesquisa. Essas iniciativas, geralmente, versam algum retorno para comunidade como, por exemplo, as oficinas de dança, *karatê*, capoeira, entre outras atividades periodicamente oferecidas às crianças da comunidade. Entre essas atividades, pude acompanhar palestras e oficinas informativas realizadas pelo curso de enfermagem da Faculdade Integrada de Santa Maria (FISMA), a temática dos encontros relacionava-se a questões da saúde da mulher (como acesso a consulta ginecológica, realização do preventivo, questões sobre maternidade ou métodos contraceptivos).

Um levantamento bibliográfico das pesquisas realizadas na ARSELE e noutras associações afins por estudantes do município que as procuram, demonstra que embora muitas dessas pesquisas sinalizem o protagonismo feminino no interior desses espaços, as investigações são hegemonicamente vinculadas aos desdobramentos do trabalho de reciclagem organizado coletivamente (TORRONTÉGUY, 2005; SILVA, 2010; RUAS, 2018). Como observa Silva (2008) em sua pesquisa etnográfica sobre o significado do trabalho com o lixo e a instrumentalidade da identidade dos trabalhadores, realizada na Associação de Reciclagem de Seleccionadores de Material Reciclável de Santa Maria:

“O número elevado de mulheres neste trabalho não é uma peculiaridade da ASMAR, já que outros estudos têm demonstrado isso (...) Diante das crises econômicas, é a mulher – em sua grande maioria – quem busca estratégias de sobrevivência, inventando trabalho para si mesma e para família” (SILVA, 2008, p. 42)

Também na Associação de Reciclagem de Lixo Seletivo Esperança, são as mulheres que ocupam os cargos de liderança e administração interna e pública da associação. Ainda

que mulheres e homens trabalhem nos processos de reciclagem, são elas que administram e articulam publicamente esses espaços. Diante dos contextos de crise, como a falta de materiais recicláveis, são elas as responsáveis por reivindicar condições de trabalho junto ao Poder Público. Muitas vezes elas precisam trabalhar acompanhadas por seus filhos, para que fiquem sob cuidado do grupo. Com isso, é de suma importância um empenho investigativo que dê aprofundamento adequado as articulações agenciadas por essas mulheres, buscando compreender o desenvolvimento dessas atuações e as relações de sociabilidade que permeiam as práticas desse protagonismo.

As negociações públicas que envolvem o destino dado ao lixo no município tornaram-se mais conflituosas, já que em no ano de 2010 o resíduo coletado pela prefeitura (que até então era destinado alternadamente a todas as associações do município) passou a ser destinado à usina de triagem administrada pela empresa “Companhia Riograndense de Valorização de Resíduos” (CRVR). A ARSELE não possui caminhão próprio, dificultando ainda mais a busca de materiais, principalmente depois que a associação foi impedida de circular em ambientes centrais com carroças. Segundo Terezinha, com a falta de material e, por extensão falta de recursos, a associação que já chegou a contar com 23 associadas/os, hoje funciona com apenas 5 trabalhadoras/es: duas filhas e um filho de dona Terezinha, Mari, Magda e Márcio, uma amiga da família chamada Lise que se dedica também a fazer artesanato com os materiais reutilizáveis e Paola, nora de Dona Terezinha.

Frente a esses desafios, as atividades desenvolvidas pela ARSELE passaram a assumir caráter de resistência, através da busca por parcerias e projetos que possibilitem retorno de material ou visibilidade da comunidade, assim como outras possibilidades de recurso. A diminuição do retorno financeiro do trabalho de reciclagem devido à ausência de materiais<sup>15</sup> fez com que as trabalhadoras da associação passassem a desenvolver outras formas de trabalho rentável, como a confecção de adereços artesanais produzidos com sucatas, retalhos de tecido, CDs, garrafas PETs e demais materiais reutilizáveis. As bolsas, brincos, tapetes e demais enfeites produzidos pelo grupo são expostos em “feirinhas” de venda em eventos da cidade (Figura 2). As trabalhadoras desenvolvem ainda outras táticas, como o cultivo de uma horta no terreno da ARSELE, cujas verduras somam o almoço dos associados feito na própria associação. Outra estratégia, assumida para garantir o pagamento da conta de luz da associação, é a prática de acumular todas as garrafas PETS (a escolha

---

<sup>15</sup> Importante ressaltar que a situação não está relacionada à falta de produção de lixo e sim ao destino e comercialização do mesmo, como discorrido no tópico anterior.

desse material se deu porque sua arrecadação e venda é a mais garantida) e vende-las apenas no início mês para o pagamento.

Figura 2 – Mandalas e porta-retratos confeccionados pelas trabalhadoras da ARSELE para venda.



Fonte: Acervo pessoal

Em muitos momentos notei que havia uma relação de troca entre as recicladoras e a comunidade visitante, compreendida como apoiadores, vindos de instituições de ensino superior (UFSM, FISMA, UFN, entre outras), grupos religiosos e voluntários de projetos beneficentes (ROTARY Club, Escoteiros, Corrente do Bem, Amor Exigente). Em abril de 2019, a coordenadora da ARSELE aceitou que um grupo de alunos do curso de Administração realizasse um projeto de extensão na associação. Quando me contou a novidade, pedi que eu levasse a ela o projeto impresso, para que ela soubesse quem eram os professores que articulavam a extensão. O grupo ficou animado ao descobrir que os estudantes da administração poderiam ajudar nas burocracias enfrentadas com o poder municipal. Em negociação com projeto, Dona Terezinha conseguiu um computador para associação, e ainda está buscando um plano de internet, doação de materiais para confeccionar carrinhos de coleta e tem se esforçado principalmente para conseguir ajuda para regularização da associação com as exigências da Secretaria do Meio Ambiente.

O caráter de troca assumido nas relações estabelecidas, se estendeu também a minha presença. Embora eu buscasse reforçar sempre que possível que minha presença na associação tinha como finalidade a pesquisa, explicando meus objetivos, conversando sobre a mudança de direcionamento quando decidi não me ater mais a trajetória de vida de Dona

Terezinha e informando sobre apresentações em eventos acadêmicos relacionadas a pesquisa. Com o passar do tempo, gradualmente uma série de pedidos foi sendo se somendo a dinâmica das visitas. Percebendo que associação era frequentada por voluntários que atuam de diferentes formas, e eu como alguém que estava sempre presente acompanhando essas movimentações, fui constantemente convidada a participar e contribuir com muitas das ações desenvolvidas. Contribuí com a organização da festa junina e da festa do dia das crianças que todo ano é organizado pela associação, também assumi a responsabilidade de enviar mensalmente uma solicitação de cestas básicas ao Banco de Alimentos<sup>16</sup> que são doadas a famílias carentes da comunidade.

Precisei recusar situações que envolviam uma carga horária maior e que extrapolavam as negociações iniciais a respeito da minha participação, como um projeto religioso (que exigia formação acerca dos seus fundamentos) desenvolvido todos os sábados com as crianças da comunidade. Destaco ainda que um dos maiores empenhos da associação é proporcionar atividades de aprendizagem e lazer para as crianças da região. Nas palavras da responsável pelo espaço:

“A criança, tu tem que trazer ela pro bem. Porque se tu trazer ela pra uma brincadeira, pra uma leitura, trazer ela pra uma roda de conversa entre outras criança, daqui uns dia tu não tá buscando na esquina né? Tu não tá buscando na delegacia ou coisa parecida. O adolescente se tu não trazer ele pra continuar esse trabalho, se tu não faz... o traficante faz. Porque tem um menino que a gente viu nascer o gurizinho e ele começou assim... cuidava: Ó a polícia vem vindo, ganhava um trocadinho. Hoje em dia ele tá na FASE (...) Se tu não explicar pra ele, dar os exemplos... Vários meninos vieram do socioeducativo e a gente conseguiu resgatar uns quantos disso daí”. (Dona Terezinha, coordenadora da ARSELE)

Nesse sentido, evidencia-se que a preocupação com o futuro dos mais jovens é um sentimento constitutivo dessas mobilizações, que buscam ainda a doações de materiais escolares, arrecadação de presentes e brinquedos em festas comemorativas e desenvolvimento de atividades semanais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa pesquisa teórico-etnográfica teve como objetivo analisar as condições assumidas nos papéis desempenhados por um grupo de mulheres recicladoras em contexto associativo

---

<sup>16</sup> Organização beneficente que arrecada doações de alimentos e destina a entidades carente. Site do projeto: <http://www.redebancodealimentos.org.br/Unidade/818/Banco-de-Alimentos-de-Santa-Maria>. Acessado em dez. 2019.

na cidade de Santa Maria, buscando identificar as práticas cotidianas de resistência e de mobilização assumidas nesse contexto laboral. Buscou-se, ainda, descrever o contexto encontrado por recicladoras/es da Associação de Reciclagem de Lixo Seletivo Esperança no trabalho com resíduos recicláveis e reutilizáveis no município de Santa. Maria.

Isso ocorre em uma área de atuação que, através do senso comum, se espera que haja uma proeminência masculina no que permeia o imaginário comum das noções de sujeira e de desordem. Foi possível observar que as mobilizações e negociações feitas pela Dona Terezinha e outras trabalhadoras da associação para captação não só de recursos como também de visibilidade para ARSELE e bem estar da comunidade local, corroboram e reforçam o protagonismo feminino no trabalho de reciclagem.

Frente ao poder público, a busca da associação ARSELE, agenciada pela dirigente do local, Dona Terezinha, versa a conquista por espaço e participação das associações de reciclagem na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS)<sup>17</sup>. Para isto, esta liderança tenta estabelecer contatos com políticos e/ou pessoas influentes que possam, de alguma maneira, contribuir financeiramente ou materialmente para as ações promovidas por ela e associados.

Figura 3 – Dona Terezinha se pronunciando em audiência pública sobre a situação dos moradores de rua no município, na Câmara de Vereadores de Santa Maria.



Fonte: Site da Câmara Municipal, de Santa Maria: [https://www.camarasm.rs.gov.br/camara/conteudo/publicacoes/Noticias/1/2019/7854?fbclid=IwAR0ki\\_hGFwoqZYiW6t87haLuqQA7ISHAljv6Q\\_bnxhAv5Utb4uzMLIJgnbM](https://www.camarasm.rs.gov.br/camara/conteudo/publicacoes/Noticias/1/2019/7854?fbclid=IwAR0ki_hGFwoqZYiW6t87haLuqQA7ISHAljv6Q_bnxhAv5Utb4uzMLIJgnbM). Acessado em dez. 2019.

<sup>17</sup> Lei Nacional que visa o aumento da reciclagem e a diminuição do descarte de resíduos em locais inadequados. Dado coletado na página do Ministério do Meio Ambiente: <https://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-solidos/politica-nacional-de-residuos-solidos.html>. Acessado em dez. 2019.

Nesse sentido, a partir desse esforço investigativo, pode constatar a mobilização e ações constantes da comunidade através de articulações proeminentemente femininas, por oportunidade de melhorarem as condições de vida e de trabalho da comunidade local, tendo em vista direitos basilares de uma vida digna como moradia, saúde, educação e trabalho. Destaca-se, nesse sentido, a constituição desses sujeitos femininos enquanto agentes sociais em suas reivindicações.

Outros caminhos de pesquisa acerca do trabalho de recicladoras no contexto associativo, em Santa Maria e em outras localidades, podem ser explorados. Muito ainda pode ser analisado sobre as formas de agenciamento e sobre o papel assumido por mulheres no trabalho de reciclagem. Na presente etnografia, diversas possibilidades de aprofundamentos teóricos foram abertas. Destaco, como um caminho frutífero para compreensão das mobilizações descritas, a contribuição da Teoria Social das Emoções. Visualizo como possibilidade de trabalhos futuros conectar a discussão das práticas de resistência cotidianas articuladas pelas trabalhadoras com as emoções (em particular o sentimento de falta, a esperança e o medo) expressadas pelas interlocutoras em suas narrativas e ações assumidas na associação.

## **BIBLIOGRAFIA**

ANTONIO, P. B. A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira Científica**, v. 23, n. 67, p. 101-116, 2008.

ASSUNÇÃO, V. K. Trabalho, gênero e cuidado na cadeia da reciclagem: uma abordagem da consubstancialidade das relações sociais. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503010426\\_ARQUIVO\\_Paper\\_FazendoGenero11\\_VERSAOFINAL.pdf](http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503010426_ARQUIVO_Paper_FazendoGenero11_VERSAOFINAL.pdf). Acesso em: 22 nov. 2019.

BEAUD, S.; WEBER, F. Preparar e negociar uma entrevista etnográfica. *In*: BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **CBO - Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>. Acesso em 22 nov. 2019.

BONEZ, M. C. **Cotidiano e práticas de resistência** – Um estudo etnográfico com trabalhadores domésticos militares. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembléia. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DA MATTA, R. **O ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological blues”**. Rio de Janeiro: Editora Fon-Fon e Seleta, 1978.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**: uma análise dos conceitos de poluição e tabu. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FONSECA, C. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora-MG, v. 2, n. 1/2, p. 39-53, 2008.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, v.1, n.10, p. 58-78, 1999.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOLÇALVES, A. M. Um mundo feito de papel: Sofrimento e Estetização da Vida (Os Diários de Carolina Maria de Jesus). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 21-47, jul./dez, 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: Medidas de Subutilização da Força de Trabalho no Brasil. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?t=resultados>. Acessado em 12 dez. de 2019.

KÄERCHER, K. A. **Feito à mão e com amor**: Alinhavos etnográficos acerca de saberes e fazeres de costureiras na cidade de Santa Maria/RS. 2018. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In*: **Sociologia e Antropologia**, v. II. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MNCR (Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis). **Mulheres são maioria entre catadores de materiais recicláveis**. 2014. Disponível em: <http://www.mnrc.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas?searchterm=mulheres+s%C3%A3o+>. Acesso em: 20 nov. 2019.

OLIVEN, R. G. Prefácio: consumo logo existo. *In*: LEITÃO, D. K.; LIMA, D. N. O.; MACHADO, R. P. (Org.). **Antropologia e Consumo diálogos entre Brasil e Argentina**. Porto Alegre: AGE, 2006, prefácio não paginado.

ORTNER, S. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. *In*: GROSSI M. P.; ECKERT C.; FRY P. H. **Conferências e diálogos**: saberes e práticas antropológicas. Goiânia: Nova Letra, 2006.

PAIVA, C. C. Mulheres catadoras: articulação política e ressignificação social através do trabalho. **Revista eletrônica**, v.7, n.2, 2016.

PEIRANO, M. Etnografia não é Método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p.377-391, jul./dez, 2014.

REZENDE, C; COELHO, M. C. **Antropologia das Emoções**. Série Sociedade e Cultura. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2010.

RUAS, K. F. **O que sobra de tudo que falta**: série de videorreportagens sobre mulheres recicladoras, 2018. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

SILVA, S. L. **Das “Quinzenas” às “Coisinhas”**: Pesquisa Etnográfica na Associação de Seleccionadores de Material Reciclável em Santa Maria-RS. 2007. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

SILVA, S. L. e ZANINI, M. C. **Narrativas Possíveis Entre Trabalhadores com Lixo**: Economia solidária, espaço urbano e meio ambiente. In: Revista de Ciências Sociais – Política & Trabalho, n. 38, p. 287-305, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/15060>. Acesso em: 10 de dez. 2019.

SILVA, S. L. **Negociando Identidades**: Uma etnografia entre trabalhadores com o lixo em Santa Maria. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

TORRONTÉGUY, A. A. et al. Reabilitação de um Antigo Galpão Ferroviário do Km2. **Disciplinarum Scientia**: Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 6, n. 1, p.1-13, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/view/680/632>. Acesso em: 10 jun. 2019.

VÍCTORA C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. N. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e Cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ZANINI, M. “Como posso ter saudades de um tempo que não vivi?” Reflexões acerca da força evocativa de uma memória ferroviária na cidade de Santa Maria - RS. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 13, n. 2, p. 306-313, 16 dez. 2013.